

## REVITALIZAÇÃO DE IGREJAS: PRESSUPOSTOS TEOLÓGICOS BÁSICOS

*Gildásio Jesus Barbosa dos Reis\**

### RESUMO

Em geral, uma igreja nasce, cresce, enfrenta desafios e pode adoecer. Qualquer igreja pode entrar num processo de apatia e declínio. E a razão para isso é óbvia: nós somos a igreja, e, mesmo regenerados, ainda permanecemos pecadores. Em razão disso, nossa tendência sempre tem sido em direção ao declínio (cf. 1Tm 1.12-15; Cl 3.1-17; 1Jo 2.1-6; Ap 2.1-7). De acordo com Mark Driscoll, atualmente nos Estados Unidos mais de três mil igrejas fecham as portas todos os anos.<sup>1</sup> Harry Reeder III, também informa que “cerca de 95% de todas as igrejas da América do Norte têm cem pessoas ou menos num culto. Mais de 80% das igrejas americanas estabelecidas estão estagnadas ou em declínio”.<sup>2</sup> Não temos dados estatísticos tão precisos sobre a igreja brasileira. E talvez o quadro, aqui no Brasil, não seja tão caótico quando comparado com os Estados Unidos. No entanto, temos notícias de que há muitas igrejas enfrentando uma realidade dura de estagnação. Sendo assim, fazem-se necessários alguns esforços para dar novo ânimo e conduzir essas igrejas ao crescimento. Nessa busca pelo crescimento, alguns líderes bem intencionados, porém mal orientados, acabam por negociar princípios da fé cristã. Para reorientar essa busca, o presente artigo objetiva apresentar cinco pressupostos que devem nortear uma filosofia bíblica de revitalização de igrejas, oferecendo, assim,

---

\* O autor é ministro presbiteriano e professor do Seminário Teológico Rev. José Manoel da Conceição. É mestre em teologia pelo CPAJ e pós-graduado em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Leciona no curso de Revitalização e Multiplicação de Igrejas, no CPAJ.

<sup>1</sup> DRISCOLL, Mark. *Reformissão – como levar a mensagem sem comprometer o conteúdo*. Rio de Janeiro: Tempo de Colheita, 2009, p. 50.

<sup>2</sup> REEDER III, Harry L. e David Swavely. *A revitalização da sua igreja segundo Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 11.

princípios bíblicos e teológicos para ajudar a evitar o erro do pragmatismo, tão comum quando o assunto é crescimento de igrejas.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Revitalização; Pressupostos; Fundamentação bíblica; Edificação; Crescimento.

### **INTRODUÇÃO**

Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor, no qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus em Espírito (Ef 2.20-22).

Quando refletimos ou falamos sobre a necessidade de revitalização, pensamos naquelas igrejas que apresentam as seguintes características: não estão crescendo, a membresia está deixando de frequentar aos cultos, as finanças não estão indo bem, não estão ocorrendo conversões e parece que nada funciona direito. O que impera é um contexto de desânimo e inércia espiritual. Igrejas que apresentam essas características precisam urgentemente ser revitalizadas, precisam ser trabalhadas para que haja revigoramento e dinamismo espiritual. A igreja precisa voltar a crescer. Não resta dúvida de que o tema “crescimento da igreja” é o sonho de todo pastor e líder cristão comprometido com o reino de Deus. Isso porque nenhum líder de igreja deseja que sua comunidade permaneça estagnada. Além do mais, as Escrituras ensinam que a igreja pode e deve crescer (ver At. 1.8; Mt 24.14; Sl 2.8; 72.17; Ap. 7.9). O livro de Atos dos Apóstolos registra três tipos de crescimento: 1) crescimento espiritual (2.41-47); 2) crescimento geográfico (1.8), e 3) crescimento numérico (1.13-15; 2.41; 4.4; 5.14-15; 6.1; 9.31; 11.21,24; 14.1,21; 16.5; 17.4,12; 18.8,10; 19.26; 21.20).<sup>3</sup>

William Smith defende que Deus quer o crescimento de sua igreja. Após refletir sobre algumas passagens da Escritura, mostrando a base bíblica para esse crescimento, ele conclui o seguinte:

Não podemos ler o livro de Atos e permanecer indiferentes ao conceito de que a igreja tem que crescer em termos de número de pessoas que estão sendo convertidas ao Senhor Jesus e agregadas às igrejas. Ao contrário, devemos ser movidos a pregar e a orar para que o Senhor faça em nossos dias o que fez no poder do Espírito e pelo ministério da palavra nos dias dos apóstolos.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> MALPHURS, Albrey. *Planting growing churches for the 21st century*. Grand Rapids: Baker, 1998, p. 65.

<sup>4</sup> SMITH, William e Solano Portela. *Fazendo a igreja crescer*. São Paulo: Os Puritanos, 1997, p. 16.

Devemos concordar com ele. Se o crescimento da igreja é uma verdade que encontra apoio na Escritura, não poderia ser diferente em nossos dias. Cabe-nos, portanto, indagar sobre a maneira como deve ocorrer esse crescimento.

## 1. O QUE DEVEMOS ENTENDER POR REVITALIZAÇÃO DE IGREJA?

Rigorosamente falando, o termo revitalização não aparece na Escritura, mas sim a ideia. Ela é genuinamente bíblica. Palavras como “restaurar” (Sl 51.10; Is 40.31; 2Co 4.16; Rm 12.2), “despertar” (Is 52.1; Rm 13.11) e “revigorar” (Os 6.2) são fartamente utilizadas. Os termos podem variar, mas a ideia é sempre a mesma. Deus deseja a transformação do seu povo.

Para Michael Ross, a revitalização deve ser definida como

o processo por meio do qual uma igreja é redirecionada à sua missão de evangelização e edificação, bem como renovada no esforço de ministrar aos outros de tal forma que o crescimento numérico, espiritual e organizacional se torne uma realidade.<sup>5</sup>

Podemos, então, dizer que essa revitalização se faz necessária sempre que há um espírito de comodismo e a igreja enfrenta uma realidade de estagnação e apatia. Quando não há conversões, e não mais existe paixão pela evangelização; quando as finanças não andam bem ou os cultos são pouco frequentados; quando sentimos o desânimo do povo ou não há preocupação com a santidade.

Quais são, assim, os pressupostos teológicos básicos da revitalização da igreja? De maneira objetiva, podemos dizer que os pressupostos são um conjunto de crenças que sustentam ou dão base para a nossa ação prática.<sup>6</sup> Conscientemente ou não, todo líder tem a sua filosofia de ministério. Talvez ela não seja tão óbvia, ou ainda não esteja tão claramente articulada, mas o fato é que ela está presente, determinando “como” suas ações são executadas. Sendo assim, devemos nos posicionar sobre quais pressupostos teológicos devem nos orientar na formulação de uma filosofia de revitalização da igreja. Vamos trabalhar com cinco princípios:

### 1.1 *A revitalização é resultado da aplicação das verdades bíblicas (Rm 1.16; 1Tm 4.16; 2Tm 2.2; 3.14; 4.1-5)*

O termo reavivamento (que também pode ser utilizado como sinônimo de revitalização) tem sido muito mal interpretado e gerado muita confusão. Alguns entendem que para haver um verdadeiro reavivamento tem de se abrir mão da

<sup>5</sup> ROSS, Michael. *Preaching for revitalization: How to revitalize your church through your pulpit*. Scotland: Christian Focus Publications, 2006, p. 21.

<sup>6</sup> CRAMPTON, W. Gary e Richard E. Bacon. *Em direção a uma cosmologia cristã*. Brasília: Editora Monergismo, 2009, p. 7.

teologia. Em razão dessa má compreensão do termo, em muitos púlpitos em nossos dias, em vez de se pregar a Palavra, os pregadores acolhem técnicas pragmáticas e se esquecem da sã doutrina. O evangelho tem sido transformado em mera mercadoria, dentro do que já tem sido chamado de “supermercado da fé”, no qual, cada vez mais, o “cliente” faz suas exigências. Em muitas igrejas, o evangelho que está sendo pregado é deformado e esquizofrênico. É “outro evangelho” (Gl 1.6-9).<sup>7</sup>

É preciso deixar claro que revitalização não é uma questão de trazer novidades para dentro da igreja. Não há necessidade de inventar nada. Ao contrário, para revitalizar a igreja é preciso voltar às “antigas doutrinas da graça”. Como acrescenta o Rev. Hernandes Dias Lopes:

Avivamento não é mudança doutrinária: Cometem ledor engano aqueles que querem descartar a teologia e desprezar a doutrina na busca do avivamento. Desprezar a doutrina é dinamitar os alicerces da vida cristã. Desprezar a doutrina é querer levantar um edifício sem lançar o fundamento. Desprezar a doutrina é querer por um corpo de pé e em movimento sem a estrutura óssea.<sup>8</sup>

MacArthur diz que “a perda de uma fundamentação bíblica é o motivo primário do declínio da pregação na igreja contemporânea”.<sup>9</sup> Falando sobre as verdadeiras evidências de um genuíno reavivamento, Jonathan Edwards declara que “o Espírito Santo leva os homens a uma grande consideração pelas Sagradas Escrituras, firmando-os na veracidade delas”.<sup>10</sup>

Não devemos buscar um crescimento da igreja a qualquer custo, ainda mais quando o que está em pauta é a Palavra. Não devemos negociar princípios da fé cristã. Tal postura é perigosa e devemos evitá-la a todo custo. De acordo com John Armstrong, “a pregação e a ênfase doutrinária sempre estão relacionadas a épocas de avivamento”, e mais à frente ele afirma que

quando oramos por avivamento, devemos nos lembrar constantemente que o Espírito Santo nunca renova a igreja por meio de palavras novas. A obra do Espírito sempre é conduzir a igreja a lembrar as verdades conservadas na Bíblia para todas as épocas. Do que a igreja precisa desesperadamente hoje é recuperar as grandes verdades doutrinárias que foram ressaltadas em épocas de verdadeiro avivamento.<sup>11</sup>

<sup>7</sup> Em seu livro *Com Vergonha do Evangelho*, John MacArthur Jr., expõe de maneira convincente e muito esclarecedora os vários erros cometidos por essas igrejas. Ver MACARTHUR JR., John. *Com vergonha do evangelho*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 1997.

<sup>8</sup> LOPES, Hernandes Dias. *Avivamento urgente*. Venda Nova: Betânia, 1994, p. 12.

<sup>9</sup> MACARTHUR, *Com vergonha do evangelho*, p. 283.

<sup>10</sup> Ver PACKER, J. I. *Entre os gigantes de Deus*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 1996, p. 347.

<sup>11</sup> ARMSTRONG, John. *O verdadeiro avivamento*. São Paulo: Vida, 2001, p. 101.

Falando sobre a pregação evangelística, John Stott é muito convincente ao afirmar que tal pregação não deve se sustentar em “um apelo emocional e anti-intelectual por ‘decisões’, quando os ouvintes têm apenas uma confusa noção sobre o que é o evangelho”.<sup>12</sup> Segundo ele, a exemplo do apóstolo Paulo, o pregador deve fazer uso de uma boa teologia para levar alguém ao conhecimento da verdadeira fé. Stott afirma o seguinte:

Paulo resumiu o seu próprio ministério evangelístico com as simples palavras “persuadimos aos homens” (2Co 5.11). Pois bem, a “persuasão” é um exercício intelectual. “Persuadir” é dispor argumentos de forma a prevalecer sobre as pessoas, fazendo-as mudar de ideia com respeito a alguma coisa. E o que Paulo declara fazer é ilustrado por Lucas nas páginas de Atos. Ele nos diz, por exemplo, que por três semanas na sinagoga em Tessalônica Paulo “dissertou entre eles, acerca das Escrituras, expondo e demonstrando ter sido necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos” e dizendo “esse é o Cristo, Jesus, que eu vos anuncio”. O resultado, Lucas acrescenta, foi que “alguns deles foram persuadidos” (At 17.2-4). Pois bem, todos os verbos que Lucas emprega aqui, descrevendo o ministério evangelístico de Paulo – dissertar, expor, demonstrar, anunciar e persuadir – são, até certo ponto, verbos “intelectuais”. Indicam que Paulo ensinava um corpo de doutrina e dissertava em direção a uma conclusão. Seu objetivo era convencer para converter.<sup>13</sup>

Como podemos observar, se desejamos realmente revitalizar a igreja, precisamos pregar a sã doutrina. Temos que fugir das teologias ingênuas. Precisamos urgentemente resgatar o ensino bíblico sobre eleição, vocação eficaz, depravação total, justificação e tantas outras. Precisamos, não apenas de reavivamento, mas também de reforma. Precisamos recuperar a verdade bíblica e colocá-la no seu devido lugar.

Spurgeon, ao falar sobre a fidelidade do pregador, traz uma orientação que não pode ser ignorada:

Os sermões devem conter ensinamentos valiosos e sua doutrina deve ser sólida, substancial e abundante... Dirigir apelos aos sentimentos afetivos é excelente, mas se não vão acompanhados de instrução, são apenas um lampejo no panorama, é pólvora gasta, sem acertar o alvo... o método divino é pôr a lei na mente, e depois escrevê-la no coração.<sup>14</sup>

A igreja, em nossos dias, precisa, de fato, convencer-se disso. Precisamos pregar o evangelho. Nosso padrão é aquilo que está declarado nas Sagradas Escrituras, e não as nossas opiniões pessoais. É a Palavra de Deus que deve ocupar

<sup>12</sup> STOTT, John. *Crer é também pensar*. São Paulo: ABU, 1984, p. 19, 46.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 46.

<sup>14</sup> SPURGEON, C. H. *Lições aos meus alunos*. Vol. 2. São Paulo: PES, 1982, p. 87, 89.

o lugar de destaque em nossa pregação. Ao pregar o evangelho, precisamos ter o cuidado de pregar cada aspecto do mesmo. Paulo nos exorta a “manter o padrão das sãs palavras” (2Tm 1.13). Precisamos ter sempre em mente que o poder está na verdade intrínseca da Palavra de Deus,<sup>15</sup> e não em nossa criatividade como pregadores. Temos que dizer o que Deus deseja. Não precisamos inventar nada.

Gostaria ainda de chamar a atenção para um dos textos mais extraordinários da Escritura quando o assunto é revitalização e pregação da Palavra. Trata-se da passagem que está registrada em Ezequiel 37.1-5:

Veio sobre mim a mão do Senhor; ele me levou pelo Espírito do Senhor e me deixou no meio de um vale que estava cheio de ossos, e me fez andar ao redor deles; eram mui numerosos na superfície do vale e estavam sequíssimos. Então, me perguntou: Filho do homem, acaso, poderão reviver esses ossos? Respondi: Senhor Deus, tu o sabes. Disse-me ele: Profetiza a esses ossos e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a palavra do Senhor. Assim diz o Senhor Deus a esses ossos: Eis que farei entrar o espírito em vós, e vivereis. Porei tendões sobre vós, farei crescer carne sobre vós, sobre vós estenderei pele e porei em vós o espírito, e vivereis. E sabereis que eu sou o Senhor.

Observe o difícil contexto vivido pelo profeta. A visão de um vale de ossos é uma analogia para descrever a caótica situação de Israel naqueles dias de exílio. Podemos imaginar a sensação de impotência que deve ter caído sobre o profeta ao ouvir a pergunta: “Filho do homem, acaso, poderão reviver esses ossos?” O que se pode fazer diante de um monte de ossos secos? O que fazer ou que atitude tomar diante da dureza, da apatia e da indiferença humana? Ou melhor, o que fazer diante da morte e da impossibilidade de qualquer homem trazer a vida de volta? A ordem ao homem de Deus foi: “Profetiza a esses ossos e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a palavra do Senhor”.

Eis o remédio para a revitalização da igreja, a pregação da Palavra. Precisamos dizer à igreja fria e apática: “Ossos secos, ouvi a Palavra do Senhor”. Revitalizar a igreja é revitalizar pessoas. E há muitas que estão desanimadas e adormecidas. Mas, conforme o apóstolo Paulo, “toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino... para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda a boa obra” (2Tm 3.16-17).

Lendo o livro de Atos, vemos que o crescimento da igreja é apresentado como sendo o crescimento da Palavra de Deus (At 6.7; 12.24; 19.20). Vemos a grande ênfase que Lucas dá à pregação. David Eby fez um estudo sobre o crescimento da igreja em Atos e, ao destacar a importância da pregação, chama a atenção para três verdades que Lucas afirma sobre os pregadores:

<sup>15</sup> ARMSTRONG, John H. *Sola Scriptura! The Protestant position on the Bible*. General editor: Don Kistler. Morgan, PA: Soli Deo Gloria Publications, 1995, p. 97, 98.

1. Sua igreja crescerá através da pregação. Foi assim que a igreja cresceu no primeiro século e é assim que ela sempre crescerá.
2. Sua pregação deve moldar-se ao que os apóstolos pregaram; de outra forma, como você pode esperar a mesma unção do Espírito Santo que eles experimentaram?
3. Sua pregação deve também moldar-se em modo e método à pregação capacitada pelo Espírito da igreja na Nova Aliança.<sup>16</sup>

Semelhançemente, em nossos dias, se desejamos trabalhar para revitalizar e levar a igreja ao pleno crescimento, precisaremos observar alguns princípios extraídos desse Manual de Pregaçãõ. “Prega a palavra!”, foi a admoestaçãõ do apóstolo a Timóteo. O pregador, como arauto, proclama a Palavra: “... insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina” (2Tm 4.2). Esse mandamento, por si só, é suficientemente convincente para fazer com que os líderes percebam a grande ênfase colocada na pregação.

### **1.2 O crescimento da igreja para ser saudável e bíblico depende de todos os seus membros<sup>17</sup> (Ef 4.15,16; At 2.40-47; 8.1; 9.31; 16.5; 1Ts 1.8; Rm 16.12)**

Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperaçãõ de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificaçãõ de si mesmo em amor (Ef 4.15-16).

Note bem o ensino do apóstolo Paulo no texto de Efésios 4.15,16. Diz ele que devemos crescer “em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, de quem *todo o corpo*, bem ajustado e consolidado *pelo auxílio de toda junta*, segundo *a justa cooperaçãõ de cada parte*, efetua o seu próprio aumento” (cf. Cl 2.19).

Paulo está dizendo que a igreja é um corpo só. Um organismo vivo em que todos os membros estão unidos entre si. Um corpo é uma unidade orgânica e funcional (Ef 3.14; 4.19-22; 5.32; Ap 21.9-10). Paulo retrata a igreja em termos do corpo humano. Essa é umas das principais figuras utilizadas no Novo Testamento para representar a igreja (1Co 12.12-31). Assim como o corpo humano é organizado para funcionar em unidade, pela cooperaçãõ e interdependência de suas muitas partes, assim também a igreja, como um corpo, revela unidade e diversidade. Embora governado por uma “cabeça” – Cristo –, o corpo tem muitos membros, cada um deles dotado e investido por Deus a fim de contribuir para a obra de todo o corpo. Há uma interdependência dos membros no corpo. Obser-

<sup>16</sup> EBY, David. *Pregaçãõ poderosa para o crescimento da igreja*. São Paulo: Arte Editorial, 2001, p. 32.

<sup>17</sup> MURRAY, Iain. A igreja: crescimento e sucesso. *Revista Fé para Hoje*. Nº 6. Editora Fiel, 2000.

ve a ênfase de Paulo nas expressões “todo o corpo”, “auxílio de toda a junta” e “justa cooperação de cada parte”. Essas expressões não deixam dúvida de que todos os membros numa igreja local são necessários para o seu desenvolvimento.

Ao fazer um comentário de Efésios 4.15-16, Hendriksen argumenta:

Tal como o corpo humano, quando devidamente sustentado e vinculado por cada junta, experimenta um crescimento normal, assim também a igreja, quando cada um de seus membros sustenta e mantém contato amoroso com os demais e, sobretudo, com Cristo.<sup>18</sup>

Ele continua explicando o significado da expressão “pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte” dizendo que “na igreja também cada membro espiritualmente vivo faz sua parte, realizando seu ministério conforme a habilidade que Deus lhe concedeu”.<sup>19</sup>

O ponto aqui é que todo cristão deve se envolver no crescimento da igreja. O livro de Atos dos Apóstolos também demonstra essa verdade ao longo de seus 28 capítulos. Como ressalta Iain Murray, não podemos negar o fato de que na igreja primitiva havia um grande número de pregadores habilidosos. Mas nem por isso eles assumiram sozinhos a responsabilidade de trabalhar na igreja e fazê-la crescer.<sup>20</sup> Ao contrário, mesmo aquela igreja tendo em seu rol homens como Paulo, Pedro e Timóteo, os demais crentes não ficaram em uma posição de meros expectadores. O ministério daqueles crentes não era o de apenas ouvir e assistir seus principais líderes trabalharem. Absolutamente, não. Todos se envolviam de maneira responsável e cooperavam na vida da igreja.

D. M. Lloyd-Jones (1899-1981) proferiu na Capela de Westminster, no ano de 1959, uma série de mensagens em comemoração à celebração do centenário do reavivamento britânico. Numa dessas palestras, ele chamou a atenção para o fato de que a questão da situação da igreja e do avivamento deveria ser uma preocupação de todos os crentes e não de apenas alguns poucos interessados. Diz ele:

Isto é obviamente uma questão para a Igreja como um todo, e não somente para alguns dos seus líderes. Os avivamentos através da história demonstram isso claramente, pois Deus muitas vezes age de forma muito incomum, e produz avivamento, e o promove e mantém não necessariamente através de ministros, mas através de pessoas que talvez tenham se considerado a si mesmas como membros humildes e sem importância da Igreja Cristã. A Igreja é constituída de tal forma que cada membro é importante, e sua importância é vital.<sup>21</sup>

<sup>18</sup> HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento – Efésios e Filipenses*. São Paulo: Cultura Cristã, 2005, p. 241.

<sup>19</sup> Ibid.

<sup>20</sup> MURRAY, A igreja: crescimento e sucesso, p. 19.

<sup>21</sup> LLOYD-JONES, D. M. *Avivamento*. São Paulo: Editora PES, 1993, p. 11,12.

Um pouco mais à frente ele insiste:

Dia a dia é mais evidente que a grande maioria está simplesmente cruzando os braços e esperando que uma ou duas pessoas façam tudo o que é necessário. Ora, obviamente isso é uma negação completa de tudo que o Novo Testamento apresenta a respeito da doutrina da Igreja como o Corpo de Cristo, em que cada membro tem responsabilidades, tem uma função, e é de importância vital.<sup>22</sup>

Chama a nossa atenção também o que Lucas deixou registrado em Atos 8.1: “Naquele dia, levantou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém; e todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judeia e Samaria”.

O contexto revela que a igreja experimentava um momento de crise. Uma perseguição se instalara contra a igreja. Mas, ao invés de se amedrontarem e se esconderem, diz Lucas que “todos, exceto os apóstolos, iam por toda parte pregando a palavra”. Iain H. Murray faz o seguinte comentário:

Isto não significa que eles eram pregadores oficiais; eram homens e mulheres fazendo aquilo que estiveram fazendo antes: testemunhando, testificando, servindo a Cristo, falando sobre a Palavra de Deus. O resultado foi que a igreja de Jerusalém multiplicou-se em outros lugares.<sup>23</sup>

Estamos defendendo, como pressuposto bíblico, que o crescimento da igreja não será eficaz se depender apenas do líder ou de algumas poucas pessoas. Ao contrário, entendemos que tal crescimento depende de todos os membros da igreja.

Um dos sintomas que sinalizam que a igreja está enferma é a centralização da liderança. Uma grande proporção dos membros da igreja são passivos ou relativamente inativos. Isto porque o ministério é centralizado no pastor ou em meia dúzia de pessoas.

Ronaldo Lidório fala desse problema na vida da igreja. Para ele,

A centralização do clero tem sido, na história da igreja, uma consequência de sua elitização. Em nossos dias sentimos, mesmo na Igreja evangélica, forte tendência a uma liderança cada vez mais centralizadora e elitizada... A força leiga, a Igreja de forma geral, quando despertada, mobilizada e treinada na Palavra, pode multiplicar em percentuais altíssimos a força evangelizadora em um projeto de plantio de igrejas locais.<sup>24</sup>

<sup>22</sup> Ibid., p. 12.

<sup>23</sup> MURRAY, A igreja: crescimento e sucesso, p. 19.

<sup>24</sup> Ibid.

É óbvio que todo pastor ou qualquer líder responsável deseja ver a sua igreja crescer de maneira vigorosa e se espalhar pelos bairros da cidade. Desejamos ver os crentes amando ao Senhor e causando tremendo impacto na sociedade. Devemos, sim, sonhar com pessoas se convertendo e vindo fazer parte do povo de Deus. Queremos ver a igreja sendo bem frequentada e pessoas crescendo na comunhão com Deus. Se esse é o nosso sonho, então precisamos envolver toda a comunidade no projeto de revitalização.

No processo de revitalizar a igreja devemos procurar envolver todos os membros. O uso da força leiga da igreja é um princípio bíblico. De acordo com Iain Murray,

O quadro que o Novo Testamento nos apresenta não é o de Cristo agindo através de alguns poucos homens, oficialmente chamados para pregar, e sim através de todos os membros de seu corpo. Não há crescimento em igrejas que dependem de algumas poucas pessoas e os demais membros são expectadores. Sempre existe progresso e crescimento em igrejas cujos membros são vibrantes e servem a Cristo intensamente.<sup>25</sup>

Uma maneira prática de aplicarmos este princípio é treinar pessoas para o trabalho na igreja (Ef 4.12). Precisamos investir no treinamento dos leigos. Essa foi uma das estratégias de Paulo (1Co 12–14). Ele preparava os membros para desenvolverem seus ministérios: pregar, ensinar, lidar com os pobres, administrar os problemas que surgiam, etc.

Observe as palavras de Drescher:

Como muitos ministros, comecei supondo que o trabalho da Igreja era minha responsabilidade. Mas, que desafio e alívio tive quando percebi que meu chamado era equipar cada crente a viver a vida de Cristo e a fazer o trabalho de Cristo no mundo, exatamente onde cada um vivia! Hoje, eu preferiria ser o pastor de uma dúzia de pessoas que estão sendo equipadas e ativas em todos os tipos de serviço do que ser pastor de mil pessoas que enchem os bancos da igreja, mas que têm pouca ideia do que significa funcionar como Corpo de Cristo.<sup>26</sup>

Conselho sábio e bíblico. Desta forma, se queremos o crescimento da nossa comunidade precisamos descobrir pessoas na igreja que tenham potencial e treiná-las para ministérios específicos.

---

<sup>25</sup> MURRAY, *A igreja: crescimento e sucesso*, p. 20.

<sup>26</sup> DRESCHER, John M. *Se eu começasse meu ministério de novo*. Campinas, SP: Editora Cristã Unida, 1997, p. 51.

### **1.3 A revitalização e o crescimento da igreja estão proporcionalmente condicionados à vida espiritual de seus membros<sup>27</sup>** (At. 4.3, 13; 9.31; Jo 7.38; Fp 1.27; 2.15)

Ausência de santidade<sup>28</sup> e incoerência têm sido uma das grandes barreiras para o crescimento da igreja. Alguns crentes acabam por criar uma dicotomia entre pregação e prática. Temos notícias de que em algumas comunidades a ética cristã tem se tornado extremamente flexível, adaptando-se às circunstâncias e aceitando o erro como algo normal. O evangelho tem sido desacreditado pelos constantes escândalos que envolvem cristãos. Hernandes Dias Lopes certa vez afirmou que “a maior tragédia do pecado é que ele nos afasta de Deus e, por causa dele, Deus se afasta de nós. Deus não comunga com o pecado”.<sup>29</sup>

A revitalização pressupõe que uma vida transformada é o maior argumento e a melhor explicação do evangelho. John Wesley disse: “Dê-me cem pregadores que nada temam senão o pecado e nada desejem senão Deus, e não me importo se sejam clérigos ou leigos, tais homens sozinhos abalarão as portas do inferno e estabelecerão o Reino de Deus na terra”.<sup>30</sup>

Se queremos ver a igreja crescer, precisamos cuidar primeiro da questão da nossa santidade. O profeta Jeremias diz “... lavrai para vós outros campo novo e não semeais entre espinhos” (4.3). No contexto dessa passagem, aprendemos que o profeta está exigindo que o pecado seja removido, para que assim haja um coração mais receptivo à Palavra. A ideia presente nessa analogia pode ser sintetizada da seguinte maneira: não pode haver produção frutífera se a semeadura for feita entre os espinhos, pois esses sufocam e matam a planta (Mt 13.7-22). Assim também é desperdício, ou algo inútil, semear as sementes do arrependimento em solo não preparado adequadamente.

Uma das questões mais urgentes dentro da igreja evangélica na atualidade é que ela precisa voltar a lutar contra o pecado. Lamentavelmente, não poucas vezes, vemos cristãos envolvidos com práticas duvidosas, atraídos e seduzidos pela sociedade mundana, adotando padrões contrários aos padrões divinos. Além disso, é muito comum vermos crentes vivendo desinteressados para com a oração e a leitura da Sagrada Escritura. Não podemos esperar uma revitalização e crescimento da igreja se a vida espiritual sofre erosão.

Se de fato desejamos um reavivamento na vida da igreja, temos que aprender a tratar do pecado com mais seriedade. Lemos em 2 Crônicas 7.14 que o

<sup>27</sup> MURRAY, *A igreja: crescimento e sucesso*, p. 22.

<sup>28</sup> Não defendo aqui um “autoconceito utópico”, conforme descrito por Francis Schaeffer, pois estou consciente dos perigos do romantismo em querer aceitar o perfeccionismo cristão. No entanto, precisamos lutar contra o pecado que tantas vezes mina nossa vitalidade no trabalho do Senhor. Cf. SCHAEFFER, Francis. *Não há gente sem importância*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 46.

<sup>29</sup> LOPES, Hernandes Dias. *Avivamento urgente*. Série Avivamento. Vitória, ES, 1994, p. 46.

<sup>30</sup> Cf. WIERSBE, Warren W. *A crise de integridade*. São Paulo: Editora Vida, 1989, p. 54.

pecado se constitui em grande obstáculo à revitalização do povo de Deus. O texto diz: “Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar e orar, buscar a minha face e se afastar dos seus maus caminhos, dos céus o ouvirei, perdoarei o seu pecado e curarei a sua terra.”

Segundo esse texto, precisamos ouvir o que Deus nos diz e nos afastar dos maus caminhos. Precisamos nos humilhar, buscar a sua face e nos arrepender (Ap 2.5). Precisamos de uma revitalização para que a igreja seja despertada de seu sono espiritual. É necessário fortalecer os crentes fracos e trôpegos, levar a igreja a reconhecer e abandonar seu estado apático e estéril.

Entendo que Deus deseja e tem em suas mãos o poder para abençoar e fazer sua igreja crescer. Mas, primeiro, precisamos tomar uma decisão urgente: buscá-lo de todo o nosso coração. Para continuar usando a analogia do profeta Jeremias, é imprescindível que o arado divino penetre em nosso íntimo, rasgando o coração endurecido e petrificado por já ter se acostumado com os espinhos do pecado.<sup>31</sup>

Se a igreja não estiver disposta a reconhecer os seus maus caminhos, ou seja, abandonar o pecado, ela não poderá experimentar a revitalização. Enquanto houver pecados não tratados e escondidos no seio da igreja, Deus não será conosco. “Já não serei convosco, se não eliminardes do vosso meio a coisa roubada” (Js 7.12).

Novamente Iain Murray nos é útil. Ele contribui com esse ponto afirmando que

o crescimento numérico da Igreja nunca foi abordado no N. T. como um interesse primário. A vida espiritual da Igreja sim tinha a prioridade. O mais poderoso testemunho da Igreja ao mundo é resultado da vida que ela desfruta; e quanto mais profundamente desfruta essa vida, tanto mais a Igreja causará impressão ao mundo (At 4.13; Mt 5.16).<sup>32</sup>

Não resta dúvida de que a doutrina é essencial para a saúde da igreja. Enfatizamos isso em nosso primeiro ponto. No entanto, de nada adianta a doutrina se não há aplicação dela na vida cristã. “A boa teologia desloca-se da cabeça até o coração e, finalmente, até a mão”.<sup>33</sup> “Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes” (Jo 13.17).

Lloyd-Jones mostra o perigo que nos cerca caso valorizemos apenas o conhecimento intelectual:

<sup>31</sup> Cf. TOZER, A.W. *O melhor de A. W. Tozer*. São Paulo: Editora Estação do Livro, 1999, p. 79.

<sup>32</sup> MURRAY, *A igreja: crescimento e sucesso*, p. 22.

<sup>33</sup> GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. *Quem precisa de teologia?* Um convite ao estudo sobre Deus e sua relação com o ser humano. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 51.

De muitas maneiras, o maior perigo com que todos nos defrontamos, é o perigo de nos contentarmos com um conhecimento e uma apreensão meramente intelectuais das coisas espirituais. Tal conhecimento é sumamente valioso, mas se ficar nisso, poderá ser completamente inútil e, de fato, positivamente danoso, porque poderá drogar-nos e deixar-nos numa condição em que achamos que nada mais é necessário.<sup>34</sup>

Como estas palavras são tão atuais. Escrevendo sobre a importância dos avivamentos, Lloyd Jones expressou sua opinião de que a tradição reformada estava perdendo o interesse pela tema da santidade. E a razão, segundo ele, é que os ministros estavam dando importância apenas ao caráter intelectual do evangelho. Para resolver este problema, ele dá o seguinte conselho aos ministros:

Devemos dizer às pessoas que não é suficiente interessar-se somente por doutrinas e teologia, que você corre o perigo de se tornar um mero intelectualista ortodoxo e de ir ficando negligente quanto à sua vida espiritual e quanto à vida da igreja.<sup>35</sup>

Mais à frente, Lloyd-Jones insiste que “a doutrina correta pode acabar com a vida da igreja; pode-se ter uma ortodoxia morta, pode-se ter uma igreja perfeitamente ortodoxa, porém perfeitamente inútil.”<sup>36</sup>

Este mesmo problema, a ortodoxia inútil, estava presente na igreja de Éfeso: “Conheço suas obras, seu trabalho árduo e sua perseverança, e que você não pode tolerar malfeitores, que pôs à prova os que dizem ser apóstolos, mas não o são, e descobriu que eram impostores” (Ap 2.2).

Os cristãos de Éfeso tinham que confrontar-se com pregadores itinerantes que estavam ingressando na igreja e se intitulavam apóstolos. Os seguidores de Cristo, porém, os provaram, testaram a doutrina e as obras desses apóstolos, e chegaram à conclusão de que tais pessoas eram impostoras, eram falsos apóstolos.

Esta atitude da igreja em ser firme na sua doutrina, e estar em condições de reprovar os falsos mestres foi elogiada pelo Senhor (Ap 2.3). Mas devemos observar que, não obstante o zelo doutrinário daquela igreja, algo estava errado com ela. O problema era: “... não mais demonstravam o amor por Cristo que nutriam nos primeiros anos de sua história” (At 20.20, 21, 31).

Era uma igreja perfeitamente ortodoxa, firme doutrinariamente, mas havia perdido o primeiro amor. Estava vivendo sem paixão, sem entusiasmo. Era

<sup>34</sup> LLOYD-JONES, D. M. *Os puritanos – suas origens e seus sucessores*. São Paulo: PES, 1993, p. 58.

<sup>35</sup> *Ibid.*, p. 22.

<sup>36</sup> *Ibid.*, p. 27.

uma igreja ortodoxa, mas fria e apática na sua ortopraxia. Era uma igreja a ser revitalizada, e para isso ela precisava seguir o conselho de Jesus: “Lembre-se, pois, do lugar do qual você caiu! Arrependa-se e pratique as obras que praticava no princípio” (Ap 2.5).

O grande reavivalista reformado George Whitefield (1714-1770), numa pregação sobre Isaías 60.19, ao criticar os líderes que buscam somente um conhecimento intelectual e teórico, disse:

O diabo não se importa se alguém deixa de ser arminiano para ser calvinista, se ele não conhece a Deus. Uma posição é tão má quanto a outra. Um calvinista teórico não tem maior valor do que um arminiano teórico – nem um pouco.<sup>37</sup>

Este problema de um conhecimento meramente intelectual ou uma preocupação com a doutrina em detrimento das demais áreas da vida é também observado pelo Dr. Augustus Nicodemus Lopes como responsável pelo declínio da igreja. Ele afirma:

Nós, pastores reformados em geral, temos a tendência de considerar a sã doutrina o foco mais importante da vida da Igreja. Portanto, muitos de nós passam seu ministério inteiro doutrinando e redoutrinando seu povo nos pontos fundamentais da doutrina cristã reformada. Pouca atenção dão para outros pontos igualmente importantes: espiritualidade bíblica, vida de oração, evangelismo consciente e determinado e planejado. Acho que uma coisa não exclui a outra. Aliás, creio que a doutrinação bíblica sempre será evangelística, e que o evangelismo bíblico é sempre doutrinário. “Pregação”, disse Spurgeon, “é teologia saindo de lábios quentes”.<sup>38</sup>

#### **1.4 Para a revitalização da igreja é imprescindível a revitalização do líder (1Tm 4.12-16)**

Devemos sempre ter em mente que há uma estreita relação entre a piedade dos líderes e a revitalização da igreja. O conhecido pregador batista e evangelista John R. Rice responsabiliza os líderes pela crise e rotina fria da igreja. Diz ele que “não é o pecador que é duro. O problema é o pastor ou professor da Escola Bíblica Dominical. Eu acho mais fácil levar o bêbado ou a prostituta para Deus do que atear fogo num pregador, para ganhar almas”.<sup>39</sup>

O líder faz uma grande diferença na vida da igreja. Isso porque ele exerce influência e pastoreia o rebanho de Deus. Sua importância é inquestionável.

---

<sup>37</sup> Ibid., p. 48.

<sup>38</sup> LOPES, Augustus Nicodemus. *O que estão fazendo com a igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p. 200.

<sup>39</sup> SHEDD, Russell. *Avivamento e renovação: em busca do poder transformador de Deus*. São Paulo: Shedd Publicações, 2004, p. 11.

Uma comunidade na qual a própria liderança está enfraquecida é como um corpo sem cabeça, ou um barco sem leme. Por isso, defendemos que a revitalização da igreja começa com a revitalização do líder que cuida da igreja. De acordo com John Sittema, “ninguém pode ensinar outra pessoa como seguir o Mestre se ele mesmo não estiver seguindo o Senhor. Ninguém pode fazer discípulos a não ser que ele próprio já seja um discípulo”.<sup>40</sup>

Quando vemos uma igreja vivendo desinteressada pelas coisas de Deus, é bem provável que sua liderança também esteja doente. Em razão disso, não se pode revitalizar essa igreja a menos que sua liderança também seja objeto dessa renovação e reavivamento espiritual.

Hernandes Dias Lopes é de opinião que há uma íntima relação entre a vida do líder e a vida da igreja. Referindo-se de modo mais particular aos ministros do evangelho, ele diz que

um ministro do evangelho sem piedade é um desastre. Infelizmente, a santidade que muitos pregadores proclamam é cancelada pela impiedade de suas vidas. Há um divórcio entre o que os pregadores proclamam e o que eles vivem. Há um abismo entre o sermão e a vida, entre a fé e as obras. Muitos pregadores não vivem o que pregam. Eles condenam o pecado no púlpito e o praticam em secreto.<sup>41</sup>

Esse pressuposto encontra seu paralelo nas Escrituras. O apóstolo Paulo faz um alerta sobre o perigo de o líder negligenciar sua santidade:

Tu, pois, que ensinas a outrem, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas? Dizes que não se deve cometer adultério e o cometes? Abominas os ídolos e lhes roubas os templos? Tu, que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei? Pois, como está escrito, o nome de Deus é blasfemado entre os gentios por vossa causa (Rm 2.21-24).

Dentre as muitas recomendações de Paulo a Timóteo, encontramos esta: “Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua nesses deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes” (1Tm 4.16). Observe a prioridade no conselho de Paulo: primeiro, o jovem Timóteo deveria cuidar de si mesmo e, só então, cuidar da doutrina.

Calvino comentando esse versículo esclarece que

um bom pastor deve ser criterioso acerca de duas coisas: ser diligente em sua doutrinação e conservar sua integridade pessoal. Não basta que ele amolde sua vida de acordo com o que é recomendável e tome cuidado para não dar mau

<sup>40</sup> SITTEMA, John. *Coração de pastor – resgatando a responsabilidade pastoral do presbítero*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 175.

<sup>41</sup> LOPES, Hernandes Dias. *Piedade e paixão*. São Paulo: Editora Arte Editorial, 2007, p. 24.

exemplo, se não acrescentar à vida santa uma diligência contínua na doutrinação. E a doutrinação será de pouco valor se não houver uma correspondente retidão e santidade de vida.<sup>42</sup>

No verso 7 Paulo já havia aconselhado Timóteo a exercitar-se pessoalmente na piedade. Isso porque nossa posição de liderança é principalmente um chamado à santidade. Em outras palavras, nossa função como líderes e nossa capacitação espiritual estão intimamente vinculadas ao nosso andar com Deus. Homens e mulheres que não andam com Deus estão desqualificados para o ministério cristão. Não importa qual a sua idade ou há quantos anos é membro da igreja: se não está “andando com Deus”, está desqualificado para o cargo de liderança.

O pregador escocês do século 19 Robert Murray M'Cheyne disse certa vez: “Não é a grandes talentos que Deus abençoa de forma especial, mas a grande semelhança com Jesus. Um homem santo é uma poderosa e tremenda arma nas mãos de Deus.”

Jim Elliff, em seu artigo “Cinco resoluções para o avivamento pessoal”, apresenta algumas sugestões que podem nos ajudar a cuidar melhor da nossa santificação pessoal como líderes:

1. Arrependa-se de todo pecado conhecido. Ap 3.19.
2. Abandone todos os hábitos e atividades questionáveis. Rm 14.23b.
3. Corrija os erros que existem entre você e outros irmãos. Mt 5.23,24.
4. Mantenha comunhão com Deus, por meio da oração e da meditação na Palavra de Deus. Sl 119.10b; 1 Ts 5.17. Esse ponto é muito importante. A vida devocional nos dá o alimento diário e combate o pecado.
5. Confie em Deus para usar você como um instrumento na vida de outras pessoas. Tg 5.19-20.<sup>43</sup>

Concluo este ponto com uma preciosa citação de Joel Beeke:

Nós, ministros, somos chamados para ser santos em nosso relacionamento privado com Deus, em nosso papel como maridos e pais em nossa família e em nosso ministério, como pastores entre nosso povo, quando subimos ao nosso púlpito. Não pode haver separação entre nosso chamado e nossa vida, ou entre nossa confissão e nossa prática.<sup>44</sup>

---

<sup>42</sup> CALVINO, João. *As pastorais*. São Paulo: Parakletos, 1998, p. 125.

<sup>43</sup> Apenas cito as cinco resoluções. Para ler o artigo na íntegra, ver: ELLIFF, Jim. Cinco resoluções para o avivamento pessoal. *Revista Fé para Hoje*. Editora Fiel, 2005, No. 25, p. 1-3. Indico também a excelente obra de LIDÓRIO, Ronaldo. *Liderança e integridade*. Belo Horizonte: Editora Betânia, 2008.

<sup>44</sup> BEEKE, Joel R. A urgente necessidade de uma vida piedosa: o fundamento do ministério pastoral. In: ARMSTRONG, John (Org.). *O ministério pastoral segundo a Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 61.

### ***1.5 A revitalização é prioritariamente e sempre um trabalho do Espírito Santo***

Revitalizar a igreja não é uma questão de como trazer vida, mas sim de quem gera essa vida. Nosso pressuposto aqui é que esse trabalho de trazer vida é sempre uma atividade do Espírito Santo. Comentando a visão de D. M. Lloyd-Jones sobre o avivamento, J. I. Packer diz:

A visitação divina que vivifica, comentava ele, não pode ser precipitada por esforços humanos, embora nossa indiferença possa apagar o Espírito e bloquear o avivamento. Reconhecer nossa presente incapacidade e clamar a Deus por tal visitação é, do ponto de vista dele, uma prioridade suprema da Igreja hoje em dia.<sup>45</sup>

Lemos no Salmo 85.4: “Restabelece-nos, ó Deus da nossa salvação, e retira de sobre nós a tua ira”, e no v. 6: “Porventura, não tornarás a vivificar-nos, para que em ti se regozije o teu povo?”. Podemos observar nesses versos que a obra de restaurar, de revitalizar é de Deus. O salmista clama: “Deus, restaura-nos, vivifica-nos”. Reavivamento começa em Deus, vem de Deus. Revitalização é um trabalho de Deus. “Mostra-nos, Senhor, a tua misericórdia” (v. 7). Só Deus tem poder para nos reavivar novamente. Não é um trabalho humano. É todo divino.

Lemos uma mensagem singular em Ezequiel:

A mão do SENHOR estava sobre mim, e por seu Espírito ele me levou a um vale cheio de ossos. Ele me levou de um lado para outro, e pude ver que era enorme o número de ossos no vale, e que os ossos estavam muito secos. Ele me perguntou: Filho do homem, esses ossos poderão tornar a viver? Eu respondi: Ó Soberano SENHOR, só tu o sabes (Ez 37.1-3).

Já afirmamos neste artigo que o contexto do profeta era de desânimo e desolação. A visão de um vale cheio de esqueletos é a imagem de Israel naqueles dias, enquanto no exílio. As pessoas estavam sem ânimo, vazias e desmotivadas. Exatamente como acontece com muitos hoje em dia. Muitos estão vivendo uma vida cristã sem graça. Estão desanimados e adormecidos em sua espiritualidade. Precisam ser revigorados e experimentar o toque do Espírito Santo. Para continuar com a linguagem do profeta, muitos se sentem como um monte de ossos secos, sem carne, sem tendões, sem vida. Mas a boa notícia é que tudo isso pode mudar. Deus pode, através do Espírito Santo, transformar e revitalizar a igreja. No entanto, quaisquer que sejam os dons naturais que um homem tenha, esse trabalho de revitalizar é primordialmente de competência

<sup>45</sup> Cf. LLOYD-JONES. *Avivamento*. São Paulo: PES, 1993, p. 10.

do Espírito Santo. Precisamos ter essa compreensão de que nós plantamos, outros regam, mas somente Deus é quem dá o crescimento (1Co 3.6).

Quando lemos o Salmo 80, vemos claramente o clamor do salmista e sua compreensão de que somente Deus pode restaurar. No verso 3 ele ora: “Restaura-nos, ó Deus! Faze resplandecer sobre nós o teu rosto, para que sejamos salvos”. Esse Salmo é uma súplica por uma volta, por um reavivamento e o salmista está consciente que só Deus pode fazer isso.

John Piper faz uma exortação a nós pastores sobre o excesso de confiança que muitas vezes podemos demonstrar no exercício do ministério. Diz ele:

O pastor que vê competência em si mesmo para produzir frutos eternos (os únicos que interessam) não conhece a Deus ou a si próprio. E o pastor que não conhece a cadência do desespero e do livramento, provavelmente tem a atenção voltada apenas para o que o homem é capaz de realizar (...) os verdadeiros alvos da vida estão sem dúvida alguma fora do nosso alcance. As mudanças na vida das pessoas, que almejamos em nosso coração, só poderão ocorrer mediante a obra soberana da graça.<sup>46</sup>

O apóstolo Paulo tinha essa mesma compreensão. Escrevendo à igreja de Corinto, diga-se de passagem uma igreja que precisava ser revitalizada, Paulo expressa sua convicção de que era Deus quem iria capacitá-lo, mediante o Espírito Santo, a fim de que ele pudesse realizar sua difícil tarefa naquela igreja. Veja o que o apóstolo diz:

A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus (1Co 2.4).

J. Blanchard afirmou: “Tentar fazer alguma coisa para Deus sem oração é tão inútil quanto tentar lançar um satélite com um estilingue”.<sup>47</sup> Precisamos nos convencer disso. Um passo extremamente importante a ser dado na revitalização da igreja é nossa humildade diante de Deus em reconhecermos quem somos e quem Deus é, e isso deve nos levar a admitir nossa dependência do Senhor. Como nos ensinou Jesus: “Sem mim vocês não podem fazer nada” (Jo 15.5).

## CONCLUSÃO

O escritor alemão Christian Schwarz realizou diversas pesquisas ao redor do mundo procurando descobrir as causas do crescimento das igrejas. Ele pesquisou mais de 1.000 igrejas, em 32 países, nos cinco continentes. Como resultado de seus estudos, chegou à conclusão de que o crescimento da igreja

<sup>46</sup> PIPER, John. *Irmãos, nós não somos profissionais*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009, p. 70.

<sup>47</sup> BLANCHARD, John. *Pérolas para a vida*. São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 268.

é consequência natural de sua saúde e não resultado de aplicação de técnicas especiais. Em outras palavras, deveríamos cuidar da igreja e buscar na Escritura Sagrada princípios para a edificação do povo de Deus. O resultado esperado, naturalmente, é o seu crescimento.

Não raramente, estamos em busca de algum segredo ou fórmula mágica para o crescimento e revitalização das igrejas. Mas seria possível encontrar um pacote pronto ou um plano de ação que garanta esse crescimento? A essa pergunta podemos dar uma grande quantidade de respostas, tais como: faça um planejamento estratégico, comece a evangelizar, dedique-se mais à oração, use os métodos da “igreja com propósitos”, conheça melhor sua cidade, treine a liderança, etc. Sem dúvida, algumas dessas propostas são sugestões valiosas. Mas, prioritariamente, não devemos sair em busca de métodos, e sim de princípios. Isto porque métodos são relativos, podem mudar conforme a região, o tempo e as circunstâncias. Mas princípios são absolutos e permanentes.

Queremos ver a igreja crescer, mas nossa principal responsabilidade e prioridade não é seu crescimento, e sim sua edificação. A responsabilidade de Deus é dar o crescimento. A primeira é fruto da ação humana, a segunda é resultado da operação divina (cf. Ef 4.11-16; 1Co 3.4-10 e Cl 2.19). Concordamos, então, que sendo a igreja saudável, vai crescer naturalmente (cf. At 5.14; 9.31; 12.24; 19.20).

Vemos em Atos 16.5 a perfeita relação entre a edificação e o crescimento da igreja: “Assim, as igrejas eram fortalecidas na fé e, dia a dia, aumentavam em número”. Observe bem a ordem em que Lucas coloca as palavras – em primeiro lugar, as igrejas eram fortalecidas, e, em razão disso, elas cresciam em número. Essa mesma verdade é ensinada por Paulo em Efésios 2.21: “no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor”. Note que aqui também o apóstolo diz que para haver crescimento é preciso que esse edifício esteja bem ajustado. De nada adianta trabalhar para o crescimento se a igreja está doente, desajustada e enferma.

Se adotarmos estes cinco princípios: pregação da Palavra de maneira fiel, envolvimento dos leigos, purificação da igreja, santificação do líder e dependência do Espírito Santo, estaremos investindo na edificação da igreja. Ela será saudável e crescerá naturalmente.

## ABSTRACT

Generally speaking, a church is born, grows, faces challenges, and can become ill. Any church can enter a process of apathy and decline. The reason is obvious: the church is made up of people who, however regenerate, remain sinners. Thus, our tendency is always toward decline (1Tim 1:12-15; Col 3:1-17; 1Jn 2:1-6; Rev 2:1-7). According to Mark Driscoll, more than 3,000 thousand churches close their doors every year in the United States. Harry Reeder, III also informs that about 95 per cent of all churches in North America have one

hundred or fewer people in their worship services and more than 80 per cent of the American churches are either stagnant or in decline. We do not have such accurate numbers about the Brazilian churches and maybe the picture in Brazil is not so bleak as compared to the United States. However, we know that many churches in our country are facing the sobering reality of stagnation. Therefore, the need is felt for renewed efforts in order to invigorate these churches and help them to grow. In their search for growth, some well-meaning but misguided leaders end up compromising principles of the Christian faith. In order to reorient that search, this article presents five presuppositions that should guide a biblical philosophy of church revitalization. It offers biblical and theological principles that will help to avoid the error of pragmatism, so common in church growth discussions.

### **KEYWORDS**

Revitalization; Presuppositions; Biblical foundations; Upbuilding; Growth.